

HUMANISMO

FUNDAMENTOS PARA UMA NOVA RELIGAÇÃO

Resumo:

Deus não está lá em cima, nem em baixo, nem em parte alguma. Simplesmente não existe tal criatura sobrenatural, paternalista, castigadora ou indulgente. Deus não existe!

Esse ser que idealizamos e veneramos é a projecção num poder externo da nossa incapacidade de reconhecermos a sua onnipresença e onisciência como algo já presente em nós, pois não existe no exterior, mas sim em cada um e, em todos nós. Todos carregamos em nós Deus.

Todos nós somos Deus! Todos aqueles que já viveram, os que vivem actualmente e os que ainda hão-de viver. Todos contemos em nós Deus. Ele não está num plano superior, encontra-se ao nosso lado, no outro, nos nossos semelhantes, na mesma medida em que existe em nós próprios. Todos nós, os seres vivos somos animados pela centelha da vida. Todos fazemos parte de Deus.

A Vida dá a oportunidade à luminescência, à centelha, de vivenciar, de experimentar, de deixar-se surpreender e de aprender. A centelha de Luz que vive através de nós, corporaliza-se assim no mundo da matéria, vive o Amor, a natureza e energia que a move.

O Espírito Santo, a reunião de todas as luzinhas, ou a grande central de centelhas, que pela sua vibração, geram energia, fizeram o Universo, como um sistema, como um organismo vivo, com funcionamento idêntico em todas as suas perspectivas *zoom in zoom out*. Da escala molecular, à de um órgão, a um ser humano, à sociedade, ao mundo, galáxias, quarks e bosões, interacção e equilíbrio, essa é a lei que nos rege.

Essa centelha divina, a luz que nos anima, aloja-se no coração, na válvula mitral e a partir daí irradia com mais ou menos força, consoante praticamos, ou não, o Amor que Cristo nos ensinou, o amor incondicional que a todos nos une. Só a interacção, a proximidade com as outras centelhas faz vibrar, faz resplandecer a nossa própria centelha. Sozinha vive na obscuridade, reage ao próximo e nele vivencia o amor e a felicidade, a homeostasia. Esta é a sua lei, a lei que a move, a lei inexorável da atracção. A Ágape! Não o amor apaixonado, mas o amor por tudo o que nos rodeia, pelas outras pessoas, pelos outros animais, existimos para celebrar toda a vida. Este Amor que aqui se fala, é o de Cristo, *amai-vos uns aos outros assim como eu vos amei*. O Amor como a fonte da energia do Universo. Somos parte de um todo, mas mais do que esse todo, mais do que a soma das partes, pois o que produzimos em conjunto desenvolve-se exponencialmente. O amor nasce da interacção, da proximidade com as outras centelhas vivas nos outros seres, o amor faz vibrar, faz resplandecer a nossa própria centelha, pois pela sua natureza, busca pelo próximo e nele procura encontrar amor e felicidade.

Da Centelha de Luz

A alma, a luz, as centelhas, ou as luminescências residem em todos os seres vivos: de ontem, de hoje e de amanhã, neste universo e noutros tantos infinitos. Cada uma dessas luzinhas, provêm de e, regressa à “Grande Central de Centelhas”. Este é o conjunto das centelhas, quando desencarnadas, são elas no seu todo, que fazem brilhar a luz cada vez mais forte do Todo de que fazem parte. Por isso Deus é onnipresente, onnipotente e onnisciente, porque todos contemos em nós Deus. Deus somos todos nós.

É o amor que gera o frémido transcendental. Foi esta efervescência que esteve na origem das religiões¹; quando nos reunimos em multidões, fazemos vibrar a centelha de luz no coração e potenciamos a energia criada pelo grupo. Quando nos reunimos vivenciamos uma experiência religiosa, seja com o poder da oração, dos cânticos, um jogo de futebol, concertos, manifestações, basta estarmos juntos com um propósito comum. Com o poder da união fazemos aumentar a energia criada, da participação, da pertença; Tiveram assim origem as formas elementares de religião. Nesta mesma linha atribui-se também ao frémido colectivo a génese da coesão social, como consequência da experiência religiosa colectiva. À medida que fomos perdendo a nossa fé, nos desligámos e perdemos a nossa religião com o sagrado, fomos substituindo por outras formas de pertença colectiva, mas estamos cada vez mais isolados, numa sociedade onde crer em algo é sinónimo de fraqueza de espírito. Quando de facto passa-se precisamente o contrário, o mundo desagrega-se e os ódios reacendem-se.

Há uma moral teleológica quando temos fé, quando cremos na eternidade, esta é a base dos valores humanos; no ateísmo as nossas acções não geram qualquer impacto, desresponsabilizamo-nos e só pensamos em viver esta vida limitada e finita, depois de nós nada interessa, quando muito só temos consciência da pegada ecológica.

A centelha de luz habita em nós, é a nossa essência, é o nosso espírito intemporal, a alma que vive eternamente e que gera energia quando está em contacto com as outras. Para ela este mundo é uma passagem, uma viagem, uma experiência para enriquecer e fazer evoluir esse ser que transportamos temporariamente em nós; a centelha de luz, a cada viagem aprende, desenvolvendo consciência com as suas acções, só que para sempre, através do tempo e do espaço, ao contrário de nós, corpos físicos a termo. Tal como se passa nesta vida que conhecemos, também na vida eterna desenvolvemos a consciência com as nossas acções.

Funcionam como num sistema aberto, em vez de um fechado por dogmas das religiões monoteístas, que transporta e alimenta a Entropia, a qual neste caso, conduz à destruição da fé e de todos os valores, como um cancro e que também contribui para destruir os outros órgãos vitais com quem se liga holísticamente, gerando doença e anomia. O sistema aberto vive em sinergia, tal como acontece com as sinapses, a comunicação eficiente através de ligações eléctricas entre os neurónios no cérebro, pela sinergia rentabilizam-se ao máximo os recursos, com o mínimo de desperdício.

A riqueza está na interacção com os outros, sozinho ninguém brilha. Reconhecemos no outro, o nosso reflexo, quem somos! Socialmente a igualdade de que partimos nas relações faz vibrar

aquilo que somos realmente, Amor. O Amor pelo próximo e por todos, é o que faz brilhar a candeia que cada um carrega no seu coração. Uma centelha não existe sem a outra, precisa do seu reflexo para saber que existe, tal como a lua reflecte a luz do sol para o planeta, pois na escuridão, não há refração da luz, não se vê nada e o universo abomina o vazio.

De todos os encontros, desta interacção gera-se mais luz. Quanto mais próximas estiverem essas centelhas já libertas da carne, da matéria humana que as transporta em vida; mais energia se liberta e mais luz se difunde. Deus é essa grande central de centelhas de onde vêm, para onde partem e de onde retornam. A luz, talvez aquela, que as pessoas com experiência de morte vêm, indescritivelmente brilhante. O propósito é brilhar sempre mais forte e vencer a escuridão. O universo move-se a energia, onde nada se perde tudo se transforma.

A forma corpórea, o corpo físico é um mero veículo para a centelha, para que esta possa ter experiências de vida, para que possa recolher mais energia e contribuir para o desenvolvimento da luz colectiva – a grande central de centelhas - Deus. Este é o propósito das centelhas. Assim, este bocadinho de luz precisa de um corpo físico para se materializar, para que possa viver, aprender, corrigir e desenvolver a energia com que contribuirá para a luminosidade maior da grande central de centelhas. Cada uma e todas em interacção contribuem para a evolução e perfeição da consciência única intemporal de onde provêm, para onde retornarão e para a qual contribuem para o bem-estar da entidade colectiva, onisciente e omnipresente, que é Deus, criatura imaterial.

A luz indescritivelmente luminosa, ou a grande central de centelhas é composta por infinitos corpúsculos que a alimentam com a sua própria intensidade, o todo é bem maior do que as partes, pois a potenciação propiciada pela exponencialidade é infinita e para além da nossa imaginação. Esta grande luz é Deus, e Deus somos todos nós, cada um dos seres vivos, que contêm em si a centelha de luz, a centelha de vida. E que afinal, nos torna a todos iguais, em essência e por essa igualdade a todos devemos respeito, a todos, todos os seres, pela presença do sagrado no outro.

Da relatividade do tempo e do espaço

Não é só o tempo que é relativo, o espaço também o é, esta dimensão da nossa existência está sempre a ser redescoberta, o espaço é cada vez mais infinito e muito provavelmente existem outros espaços paralelos e simultâneos ao nosso. Espaço e tempo são as nossas referências, as nossas coordenadas, eles próprios relativos.

O mundo físico, a corporalidade mantêm-nos reféns do mundo da matéria, a qual com todas as suas demandas de sobrevivência e outras necessidades hedónicas, encarcera-nos na condição da natureza, olvidando-nos assim da nossa verdadeira essência e tornando-nos escravos do mundo material. Tal como Platão descrevia na alegoria da caverna, vivemos iludidos pelas sombras e já nem reconhecemos a verdadeira realidade, quais almas agrilhoadas num mundo de crueldade incompreensível, só aceitável pela existência de Um Deus que nos pune pela nossa maldade e em quem temos fé que nos salve. Não nem nós somos maus, nem há Um Deus, nem doze sequer, existem ainda muitos mais *Elohim* do que os 330 milhões que

os hindus julgam existir como deidades; existe um universo infinito de Luz e infinito de seres, de formas de energia, de outras formas corpóreas, certamente não seremos os únicos, mas sim, seremos iguais na essência da luz que carregamos.

“Armas não conseguem cortá-lo, fogo não pode queimá-lo, água não consegue molhá-lo, ventos não podem secá-lo, ele é eterno e tudo permeia, subtil, imóvel e sempre o mesmo” ¹

A vida é uma mera passagem, de facto. Vejam a vida dos santos mártires, pela resignação, estavam dispostos a morrer pela sua crença, outros pela violência assim também o creem. A fé é tão profunda, que a morte surge como o início de algo melhor. A vida é uma dádiva, assim é dada, como assim nos é retirada.

No início do movimento das grandes Religiões há uma reacção histérica à revelação da verdade acerca de Deus, a gritaria, a perseguição e amotinamentos da urbe, condenam ao martírio os pioneiros de uma nova religião, aos anunciante da novidade. A luta não é para com os opressores, a luta é eterna e é contra a ignorância e a violência. A serenidade com que se aceita a morte é a certeza de que as vidas da alma são muitas e infinitas, aceitar de facto que a vida é eterna. Vivemos momentos no tempo e no espaço, a vida é transitória de modo aparentemente aleatório, pois não temos a mínima memória das vidas anteriores à presente. O que só traz vantagens, *pois não suportaríamos uma carga de sofrimento tão grande.*

A noção de igualdade trazida pelo Islão, a liberdade de todos serem iguais perante Deus e, segundo a vontade de Deus, *insh ala*, veio trazer um outro Deus único, que não o judaico-cristão, mas em tudo seu semelhante. A reacção violenta ao início de todas as religiões, contra os portadores da mensagem de Deus, suscitadas pela dor que se sente quando alguém nos diz algo que faz todo o sentido, mas que não se consegue aceitar logo. A primeira reacção é violenta, mas depois as religiões também conquistam as sociedades, e não só de forma pacífica. Usam meios de evangelizar, de expandir pela força o império de crentes, tal como o catolicismo fez. Já, os primeiros muçulmanos eram perseguidos nos desertos de Meca, tinham de se defender militarmente. Tal como os mártires cristãos, os cruzados, os guerreiros de Deus morriam pela palavra de Deus, só que a lutar em seu nome. A conquista pela espada, não foi só de impérios, foi também um meio de impor a verdade aos outros, a da religião única. Se ao menos Abrão não tivesse abandonado o seu primeiro filho, Ismael, que tamanha crueldade! e, talvez tivesse havido paz, o mesmo Deus com diferentes profetas, mas a mesma religião. Este Deus é mau, divide os homens em fações que se odeiam entre si.

Dos pecados mortais

Os pecados mortais são os danos que causamos á centelha que transportamos, o mal que fazemos contra nós próprios, julgando faze-lo a outros, para alcançarmos os objectivos do Ego. É necessário que nos disciplinemos, que tomemos consciência dos nossos pecados. Não com o caracter de auto flagelação ou castigo divino, mas como uma aprendizagem, consciencialização e ajustamento. Os pecados que cometemos, são os pecados do Ego. A importância da Moral era garantida pela religião, que no desempenho da sua função os

¹ Bhagavad Gitá, III 23-24

sanciona, daí ter tido um papel fundamental na história da nossa evolução. Mas ela nunca pode vir do exterior, assim não se cria consciência, temos de ser nós a construí-la.

Na nova perspectiva que nos dá a consciência da centelha, que vive eternamente, quando o corpo reincarnado sente e pratica: a gula, a avareza, a luxúria, a ira, inveja, o orgulho e a vaidade; quando cometemos algum destes pecados. No despertar, conhecemos as consequências dos nossos actos. Já não somos responsáveis somente pelo nosso corpo mortal, mas sim pela nossa alma imortal. Desprendido da carne que aprisiona o espírito nas suas demandas, quando libertos do Ego que nos movia, conseguimos imaginar facilmente o que este sentira no momento em que vê o seu próprio corpo inerte, mas ele continua a viver. Ai, sim, livre dos grilhões da matéria, vê com toda a clareza o mal que infligiu e a enormidade das suas acções, aí sim, vem o verdadeiro tormento, o inferno; aí sim, terá de pagar pelo que fez e corrigi-lo da próxima vez que cá voltar. Esse é o verdadeiro inferno, quando tomamos consciência do que provocando aos outros, pior mal fazemos à nossa centelha. O inferno não é um sítio, o inferno é um estado muito pessoal determinado por nós mesmos pelos actos e pela consciência límpida, no momento da morte. O céu é também ele um estado de espírito, quando levámos uma vida justa, plena de amor e não carregamos pesos na nossa consciência.

Do mal e do bem

A maldade que existe neste mundo é aquela que fazemos contra nós próprios, nem é aquela que julgamos fazer aos outros. Porque de facto ao procedermos assim, estamos em última instância a fazer reverter todo o mal sobre nós mesmos, pois danificamos o nosso corpúsculo e condenamo-lo ao sofrimento após o falecimento do corpo, ao sofrimento que sentirá ao despertar num novo corpo, pecados que terá de expiar por outras vidas, para que possa vibrar, alimentar-se de luz e ofuscar novamente. Prejudica a comunidade porque não poderá contribuir com a sua luz para o todo, pois votou-se a si mesmo ao “inferno”, que terá de atravessar até ter corrigido o mal que infligiu. A eterna luta da luz contra as trevas, também este é o caminho para o amadurecimento da consciência colectiva.

Na actualidade a cobertura das redes e a intensificação da comunicação está a reforçar a confiança que temos uns nos outros, as instituições já não nos servem, nelas não confiamos. A solidariedade que vivemos globalmente obriga a uma responsabilidade maior de agir, apesar de ainda não sabermos bem como. A ver vamos.

A seguir à tomada de consciência duma nova perspectiva da realidade, urge a Acção, no entanto a Acção colectiva está como que entorpecida, a Sociedade está ainda em metamorfose. Acção é a resposta ao estímulo, é a forma com interagimos, como tocamos o outro. Acções boas e acções más, mas parece que *cheio de boas intenções está o inferno cheio*, daí que a intenção nem sempre corresponda à acção. É o gozo pela imprevisibilidade de viver, a surpresa, é a vida. O mal é quando a intenção corresponde à acção.

Não há nem céu, nem inferno, a não ser no nosso espírito e só revelado quando morremos. Libertos da matéria finalmente conseguimos ver com clareza só com a leveza do espírito.

Esta é a lei kármica, vamos e vimos sempre em função de um objectivo, do qual não descortinamos o desígnio, simplesmente porque não nos lembramos das outras vidas passadas ou ainda por viver. Carpimos em vida o retorno do que fizemos nas outras. O Ego desaparece com o corpo, com a matéria, no espírito eterno só ficam as impressões daquela vida que tivemos e não os factos. O Ego desaparece com a matéria a que está ligado.

No entanto a forma humana não é a única forma de reincarnar, dizia um monge tibetano que, *“a probabilidade de se reincarnar enquanto humano, é idêntica à de uma tartaruga solitária que vive num planeta só de oceano, vir à superfície em cada mil anos e enfiar a cabeça na única bóia existente em todo esse oceano.”*² Esta definição é por deveras extrema e assustadora, mas deixa-nos uma ideia da infinidade de reincarnações possíveis, seria muito raro retornar sob a forma de ser humano, a vida humana torna-se muito relativa e pequenina. Há certamente muitas outras formas de vida por esse universo multidimensional fora, quem sabe os Deuses que nos visitavam, pois o tempo e o espaço são relativos.

Seres humanos são todos os seres vivos, que partilham connosco as necessidades, a capacidade de aprender na sua realidade, com quem compartilhamos o presente e, que acima de tudo, sentem.

Damos demasiada importância à nossa vida transitória e temos os seres humanos em demasiada conta. Vivemos fechados no nosso EGO. O culto do eu é, a fonte de todos os males, dos sete pecados capitais. Afasta-nos do outro, tornando-o num concorrente, num inimigo. Com a crescente individualização ganha ao longo dos séculos, com o auge que alcançámos actualmente em depravação, perdemos a confiança uns nos outros, isolamo-nos e afastamo-nos. À medida que caminhámos para a globalização, perdemos de vista as nossas comunidades, as nossas referências. Nas cidades tornamo-nos solitários, o trabalho não deixa tempo, divorciamo-nos e ficamos sozinhos. Ganhamos medo uns dos outros, pela desconfiança de tudo o que antes era seguro, vivemos tempos caóticos. A civilização está a entrar em colapso, tal como as que a precederam, aceleram o seu fim à medida que se complexificam as respostas aos problemas; só ainda não tínhamos era acelerado a corrida para o colapso em tão grande escala, globalmente. O nosso planeta, o nosso Habitat está na eminência da destruição, não obstante todas as gerações terem considerado que o apocalipse se daria no seu tempo, tal como descrito por São João; já sofremos os sinais da nossa irresponsabilidade e negligência! Para a centelha de luz este não é o fim, mas será que vamos com este peso na consciência, outra vez?! Tudo o que tocamos destruimos e conspurcamos, Caim e Abel, Ying e Yang , Dilúvio e oportunidade, etc.

Perdemos a fé, esquecemo-nos da luz, da esperança e do Amor, do único caminho pelo qual nos podemos salvar. O amor para o qual, Cristo nos tentou despertar. Os focos de luz nascidos dos seus ensinamentos rapidamente começaram a ser apagados pelo obscurantismo, contudo o seu testemunho sobreviveu até aos dias de hoje, até ao momento da revelação. Esta não será feita por nenhum indivíduo, será antes um despertar coletivo – uma serendipidade.

² Contos populares do Tibete, 2001, Landy editora

O exacerbamento do individualismo tornou-nos solitários e infelizes. O que de facto nos faz felizes, são as relações sociais e intimas, é o reconhecimento dos outros; não são os bens materiais, a felicidade que estes dão é muito efémera, alguém dizia que, *quando tens fome se te derem uma fatia de pão é o melhor que te pode acontecer, mas se te continuarem a dar pão, ficas enjoado e estraga-se, assim também é com os ferraris*³.

A liberdade que conquistámos enquanto espécie, a produção autómata e ininterrupta de mais fatias de pão que conseguimos com a industrialização, desenvolveu a nossa necessidade de posse, tornamo-nos escravos dos nossos bens. Ligámo-nos mais à matéria, tornámo-nos mais individualistas, fechamo-nos ao outro. Com essa liberdade fomos capazes de adquirir felicidade rápida; consumimos em excesso quando estamos em desarmonia e isso também é uma brecha de lucro para a economia de mercado. Pudemos comprar tudo, porque tudo se inventa para consumir, para produzir, para trabalhar para ter mais dinheiro para consumir mais. Pois, é por isso, caímos num excesso doentio e fora de controlo de depravação de prazeres imediatos, hipotecando o nosso futuro comum.

Estamos alienados da nossa própria identidade colectiva, esquecemo-nos daquilo que nos une e focamo-nos nas nossas diferenças. Em desespero voltamo-nos para a fé, mas esta é instruída por outros homens iguais a nós e que padecem dos mesmos males do ego, logo com a visão limitada pela escuridão dos sentidos e da razão. Somos todos iguais, não precisamos de intermediários para a Luz, cada um tem o seu caminho para lá chegar.

Não precisamos de intermediários para Deus, porque ele está em todos e em cada um de nós, a Religação/religião é feita individualmente com actos de amor pelos outros, embora ainda precisemos da *efervescência religiosa* que emerge quando estamos juntos. Não fazem sentido as religiões monoteístas! De um Deus inquestionável. As religiões dos livros são meros códigos da realidade presenciada e relatada num livro escrito por homens, para que outros homens façam dele lei e poder.

Para que possamos ver claramente, sem sombras da escravidão da matéria e dos vícios do ego. Temos de desenvolver a nossa consciência, alimentá-la com informação, desenvolver as capacidades que todos temos, partilhar as opiniões, constatar os consensos, estreitar a rede! De facto já temos essa rede, a Terra coberta com redes, como alguém tinha profetizado que ocorreria antes do fim.

Colectivamente já atingimos um patamar comum de evolução, a nossa consciência colectiva deu um salto com as novas tecnologias. Estamos a romper com um modelo civilizacional que já não faz sentido, a nenhum de nós, todos estamos de acordo naquilo que não queremos e já intuimos o caminho colectivo que queremos prosseguir.

Como se refere na teoria da complexidade decrescente⁴, *em vez de estarmos a defender a humanidade e o planeta, estamos a defender o sistema que os pôs em perigo. As civilizações caíram, não por desastres, mas pela acção humana, pela entropia em que entrou o sistema e pelas respostas complexas e inadequadas aos problemas.*

³ Manifesto para a **felicidade (ver biblio)**

⁴ **Bibliografia complexidade decrescente**

Somos irmãos nas alegrias e nas tristezas. A fraternidade é a concretização final do projecto da modernidade, através da liberdade pudemos afirmar a nossa individualidade; pela igualdade podemos ser reconhecidos na nossa dignidade. Falta concretizar o último dos projectos humanos: a fraternidade, que não se deve de modo algum confundir com solidariedade, a qual pressupõe uma relação desigual em que há alguém em desvantagem. Não. A fraternidade implica a consciência de que juntos temos melhores hipóteses de sobrevivência, juntos alcançamos muito melhores resultados do que se tentarmos sozinhos; reforçar a confiança de grupo para cooperarmos, para vivermos melhor em bem-estar: juntos brilhamos mais. Liberté, Egalité, Fraternité, esta será a consumação final da vida das centelhas encorpadas, realizando em vida a sua predestinação de crescer enquanto organismo. Nós somos transitórios, a luz é eterna.

“liberté, égalité, fraternité”.

Se vamos “matar” Deus, na forma monoteísta como o temos aceitado até agora, que seja pelo caminho que Cristo, e outros, se esforçaram por connosco partilhar e sempre tão mal interpretados. Amar, amar o outro porque ele tem livre arbítrio tal como eu, pelo *direito da natureza*ⁱⁱ existimos em igualdade, partilhamos a *condição humana*ⁱⁱⁱ, somos iguais perante as suas exigências; a liberdade permite ao outro escolher o caminho a seguir, tal como a mim. Como só existimos em conjunto, a fraternidade é o nosso objetivo e porque o outro carrega em si, tal como eu, uma centelha de luz, somos atraídos inexoravelmente para o amor fraternal, de que nos defendemos com escuridão, julgamo-nos sempre donos da verdade, pecado do ego.

Os pecados mortais, como são descritos pelo catolicismo, mas também revelados noutras religiões, são os danos que causamos á centelha que transportamos, o mal que fazemos contra nós próprios, julgando faze-lo a outros, para alcançarmos os objectivos do Ego. É necessário que nos disciplinemos, que tomemos consciência dos nossos pecados. Não com o carácter de auto flagelação ou castigo divino, mas como uma aprendizagem e ajustamento do sistema, para que não caia na entropia e imploda. A importância da Moral era garantida pela religião, que no desempenho da sua função os sanciona, daí ter tido um papel fundamental na história da nossa evolução. Mas ela nunca pode vir do exterior, assim não se cria consciência, temos de ser nós a construí-la.

Na nova perspectiva que nos dá a consciência da centelha, aquela que vive eternamente, quando o corpo reincarnado sente e pratica: a gula, a avareza, a luxúria, a ira, inveja, o orgulho e a vaidade; quando cometemos algum destes pecados. Neste despertar, conhecemos as consequências dos nossos actos. Já não somos responsáveis somente pelo nosso corpo mortal, mas sim pela nossa alma imortal. Desprendido da carne que aprisiona o espírito nas suas demandas, quando libertos do Ego que nos movia, conseguimos imaginar facilmente o que este sentira no momento em que vê o seu próprio corpo inerte, mas ele continua a viver. Ai, sim, vê com toda a clareza o mal que infligiu e a enormidade das suas acções, ai sim, vem o verdadeiro tormento, o inferno; ai sim, terá de pagar pelo que fez e corrigi-lo da próxima vez que cá voltar. Esse é o verdadeiro inferno. O maior inimigo do Amor, o Ego.

O amor de Cristo, não é alcançado pelo caminho de nenhuma religião, é uma religião à ideia de eternidade que nos move nas nossas condutas. A imortalidade a ideia de divino, até aos gregos antigos era considerada como a preservação do corpo^{iv}, não do espírito. A introdução do monoteísmo, veio retirar o carácter sagrado da natureza até aí representado pelos elementos da natureza, num panteão de deuses (que não se degenera com o passar do tempo), com respeito pela natureza e pela diferença.

A ideia de eternidade, da salvação da alma pelo caminho de um único Deus, incute-nos o temor de um julgamento sem apelo, nem agravo; a nossa liberdade é cerceada, pois a característica destas religiões é a de que se transformam em leis e regras tanto mais específicas quanto o medo tornado mesquinho na estupidez que nos caracteriza e, que mais não é do que a nosso cantinho de segurança, nesta existência dura de viver.

A Liberdade é a própria natureza da vida, pela qual ela luta incessantemente. A Liberdade conquistámos nós com o comércio, a autossuficiência, sem depender de ninguém salvo de si próprio e daquilo que tem para a troca. O mercado não é mau, nem bom, é uma condição para a sobrevivência do ser humano, pois ninguém se basta a si mesmo, sobretudo neste nível civilizacional que alcançámos, com a rede de comunicações mais parecida ela própria com um cérebro em funcionamento, com as sinapses, ligação entre os milhões de neurónios, de um só organismo. A liberdade é a condição de manifestação da centelha, sem ela não pode crescer. Quanto mais comunicações houver entre os organismos, mais o sistema se mantém em homeostasia, ou seja em equilíbrio.

A igualdade emancipou-se com a revolução Francesa, num momento muito específico da História, na idade das Luzes foi conquistada e dela consciencializado cada homem. Mas a igualdade é também uma condição da natureza, infinita nas suas formas de vida, mas igual nos sentimentos e nas necessidades básicas. Sem igualdade não se consegue uma sociedade justa e adaptada.

Só existimos em comunidade, somos animais gregários mas também somos super-predadores e tal como os outros animais organizamos as nossas relações. Pois, os animais também têm emoções, sentem em igual profundidade como nós, só que de forma diferente, que nós não poderemos conhecer se não estivermos despertos e libertos da ultrapassada teoria de Pavlov. O medo, o sofrimento, a alegria, o luto, a amizade; até amizades improváveis entre espécies diferentes, esquecemo-nos das histórias das fábulas, em que os animais falavam entre si. A Etologia constatou que afinal a psicologia animal, não é assim tão diferente da nossa, pois sem a nossa tecnologia, somos apenas *macacos nus*. Nunca deuses, se todos somos iguais na nossa essência, na luz que transportamos, a todos temos de tratar com igual respeito e amor, porque somos exactamente iguais. Somos corpúsculos de luz primordial que vão e vem e que só brilham pelo reflexo dos outros, não há melhor nem pior (o universo não julga), apenas diferentes. *Todos diferentes, todos iguais nas diferença.*

Vivemos num mundo de sobrevivência, os animais não são diferentes de nós, também eles estão a ser afetados pela nossa ganância e estão a procurar a adaptação a uma nova natureza,

a urbana e integração em grupos sociais diferentes do da sua espécie de origem. Precisamos uns dos outros.

A fraternidade é a nossa última fronteira a conquistar na condição da humanidade. Aquela em que a centelha liberta vive e para sua realização encarnada, nos impele uns para os outros. Somos atraídos inexoravelmente para o amor fraternal, porque é esse o destino da luz – Um só, composto por ilhões de feixes.

No entanto, ainda estamos a despertar para este último plano, os homens ainda têm de cumprir a sua sina, antes que conquistemos a fraternidade. Começam a surgir pequenos focos dispersos no mundo, mas o futuro é tão incerto que receosos desta consciência, dela nos defendemos com escuridão fechados no individualismo. Aconchegados pelas trevas da estupidez, da ignorância e do egoísmo, aconchegamo-nos nos nossos medos e ódios, ou ainda pior na apatia letárgica, para a qual somos conduzidos que nem uma manada. Nada há a fazer é o caminho a cumprir, mas o reino dos céus virá e construiremos juntos a nova Jerusalém, aquela que inclui todas as diferenças.

Porque todos partilhamos a mesma condição de centelha eterna e onisciente, porque tudo o que nos move é a energia e sobretudo porque, mais do que numa manada de bois, temos a capacidade de aprender e agir, e mudar as nossas atitudes, enquanto indivíduos, enquanto nações e sobretudo enquanto humanidade. Tudo a seu tempo.

Pouco mais há a dizer quando constatamos a evidência da igualdade. O respeito profundo que nos despertam os outros, o alcance da moral nascida da ideia de vida eterna que alienamos nestes tempos de consumo; o emergir desta nova consciência, projecta-nos para um novo conceito de religião. Mais propriamente para uma nova religião, porque nenhum homem, ou ser vivo precisa de intermediário para o divino, pois ele próprio já o carrega em si mesmo e recarrega com todos os outros seres. Por isso se diz que Deus é onipresente, onisciente e onipotente. Ele está dentro de nós, por isso está em todo o lado e em conjunto tudo pode.

O equilíbrio da Humanidade, a salvação da nossa alma comum passa pelo mote iluminista *liberté, égalité, fraternité*.

Do conhecimento

O tempo à dimensão humana é curto, mas eterno quando nos reportamos à história conhecida do planeta e infinito quando o referenciamos à idade do universo. A relação do tempo, da história é dinâmica, pois esta está sempre a ser reescrita. Recuando tanto mais no tempo, quanto mais nos redescobrimos nele; recuando no tempo para além do tempo em que surgimos e descobrindo-nos mais antigos do que nos julgávamos antes. Afinal, Quem somos e donde vimos, a odisseia da descoberta da identidade, as questões, a procura do conhecimento, também fazem parte da nossa natureza. Conhecermo-nos a nós e ao mundo em que vivemos. Compreender para crescer.

Os sonhos deixam-nos inquietos, quais reminiscências de outros saberes. Depois de se ter criado conhecimento e de se ter desenvolvido a consciência da nossa condição e, sobretudo

por termos cada vez mais perguntas, quanto mais conhecimento vamos conquistando, mais vamos expandindo a nossa consciência. Isto verifica-se ao nível individual, mas enquanto grupo de humanos, pois enquanto sociedade, pela partilha também expandimos a nossa consciência colectiva.

A História é o que nos recordamos, mas a nossa memória é tão efémera que persistimos em nos esquecer daquilo que aprendemos nas gerações anteriores. Recaindo em erros, mas já não nos mesmos que antes, pois a sua evolução é feita em espiral dialética.

A filosofia e depois a ciência vieram disciplinar a forma como conhecemos. Cingida a uma pressão social que lhe exige legitimidade, a ciência “agarrou-se” à razão e durante muito tempo não considerou aquilo que está para além dos factos, a realidade para além do que é percebido pelos sentidos.

Nos últimos duzentos anos, foi praticada uma ciência puramente racional, que para o bem e para o mal nos trouxe onde hoje nos encontramos. No decorrer deste exercício de pura racionalidade, perdemos o respeito e os laços que nos uniam à natureza. Ignorámos tudo o que não podia ser explicado pela razão, e que se procurou compreender pela dissecação.

A ciência produz conceitos universais, conceitos abstratos construídos a partir dos factos. É certo que para poder explicar a realidade temos de a desconstruir, analisar para compreender. Mas neste processo extremo de racionalidade perdemos a visão multidimensional, ficámos com as frações, não voltámos a uni-las, permaneceram dispersas pela miríade de disciplinas científicas. Empobrecemos a riqueza dos nossos objectos de estudo; as partes não explicam o todo, pois a sua soma é em muito superior ao resultado matemático, só o compreendemos se tivermos uma visão do todo, se “grocarmos”^v holisticamente o objeto na sua plenitude e em todas as suas interconexões com todos os restantes objectos (como nas sinapses).

“ Vede este cristal: Assim como uma só luz se revela por doze faces, sim, em quatro vezes doze, e cada face, por sua vez, reflecte um raio da luz, uns percebem uma face, outros vêem outra, porém o cristal é um só e também uma só a luz que ele irradia em todas.”^{vi}

Vejamos, como explicamos a alguém que não conheça, o que é um morango? Podemos fazer um desenho, podemos defini-lo pela composição química, somos capazes de contar a sua origem e disseminação no consumo, podemos até falar da sua importância económica e social e embora já sejamos capazes de sintetizar o seu aroma, como podemos explicar a alguém a que sabe um morango? Como somos capazes de exprimir a experiência de comer um saboroso morango? Não conseguimos! Será que conheceremos realmente o fruto sem *sentirmos* o cheiro e o sabor? A ciência isto não consegue explicar!

É certo que se pode argumentar que para isso nos servem os sentidos, para apreendermos a realidade que nos circunda. Mas estes são falíveis, de acordo com a ciência e como tal não são dignos de fiabilidade. Pois, mas de facto perde-se grande parte do conteúdo de um objecto quando colocamos de fora a nossa subjectividade, a forma personalizada de como sentimos a realidade, empobrecemos a compreensão quando ficamos de fora da equação, os sentimentos. Ao conhecermos utilizando só a nossa capacidade racional, os nossos instintos fragilizaram-se

e não se desenvolveram, cerceou-lhes a liberdade, deixamos de poder confiar neles de raquíticos que os deixámos. Os outros seres, para além de conhecerem pela experiência, compreendem o seu ambiente pelos instintos, reagem ao que os rodeia e vivem em harmonia com a sua natureza, com a sua *potenciação*, com o *direito da natureza*, como disse um sábio português, alentejano, sefardita exilado do séc. XVII. Conhecer também é sentir.

Recorramos a um outro exemplo ainda mais flagrante de tudo o que perdemos com o exacerbamento da ciência racional e do seu impacto na consciência colectiva. Em princípio todos somos sensíveis aos bebés, sejam eles de que espécie forem, mas será que conseguimos compreendê-los plenamente, tendo-nos já esquecido da inocência que os caracteriza? Uma vez que partilhamos a nossa condição animal, física e material, todos temos as mesmas necessidades, mas não temos consciência da sua igualdade, perdemos a empatia. Vejamos um cachorrinho, um cão bebé, o que o distingue de um bebé humano, somente algumas características próprias da sua espécie, em tudo o resto são exactamente iguais: precisam de morder quando os dentinhos estão a crescer, brincam intensivamente para interagir com o mundo que os rodeia, surpreendem-se com coisas novas, precisam da nossa atenção e carinho... Será que temos a mesma consideração por um ou por outro? Não! *Um homem é um homem e um cão é um cão*, seja lá o que isso quer dizer. Assim também procedemos com tudo o que nos rodeia, seja animal, vegetal ou mineral. Com desconsideração porque não são animais racionais como nós, o que nos distingue do resto é a razão, mas *os animais também têm alma*. Até as diferentes espécies cooperam, sobretudo quando privadas do seu habitat.

A prepotência da racionalidade retirou da equação do conhecimento a sua essência, o amor! Afastou-nos de todos os nossos irmãos, da potenciação que nos dá o direito da natureza, ficámos tão mais pobres, tão mais tacanhos, diametralmente no extremo oposto daquilo que presunçosamente afirmamos ter alcançado: o conhecimento. Este é sempre fracturado, do todo vemos partes e depois não as conseguimos voltar a reunir numa compreensão plena e íntegra da sua natureza. O corpúsculo quando liberto consegue ver o todo e cada uma das partes, conhece pela empatia, compreende a essência e é esse conhecimento que carrega consigo. A sabedoria perdura e faz parte da vida eterna da centelha.

O domínio exclusivo da ciência, enquanto forma de apreender a realidade, está para a mente dos homens, como o Deus único para a fé. Um só caminho, com regras e leis que quanto mais estritas, mais levam ao obscurantismo. Não obstante tudo o que a ciência nos permitiu alcançar, construiu um altar para se fazer adorar. É sem dúvida necessária, mas não pode obliterar e excomungar as outras formas de conhecer. Depende sempre das perguntas que colocamos, da sua pertinência para a sabedoria, que é aquilo com que ficamos quando esquecemos tudo o que aprendemos.

Depois de 2 séculos de racionalidade e munidos de tecnologia só fornecida pela ciência, para melhorar a nossa capacidade de destruição de tudo o que controlávamos, perdemos a nossa humanidade e talvez irreversivelmente acabaremos com o nosso próprio habitat. Talvez, agora, na eminência do abismo seja esta a altura certa para valorizarmos mais os nossos

instintos e sentimentos, recuperando o conhecimento que nos é transmitido pelo coração, colocando-o lado a lado com o conhecimento da razão: pensamento e sentimento, o *pensamentalismo*, como teorizou outro português brilhante⁵, nos anos 30.

O conhecimento científico e todos os conceitos criados a partir da ciência passam pela confirmação dos factos de modo racional. Cada ramo da ciência tenta explicar uma faceta da mesma realidade, mas depois não volta a unir esse conhecimento disperso. Talvez um dia se possa explicar cada um e, todo o conteúdo de uma *coisa*, traduzindo toda a riqueza e plenitude nela contida, para ver o todo e as partes precisamos de um outro instrumento, que não somente a razão. A ciência ganhou consciência com a bomba atômica, mudando a maneira de fazer ciência, responsabilizando-se os cientistas pelos resultados das suas descobertas. A epistemologia, ou reflexão sobre a capacidade de conhecer, também tem vindo a questionar a objectividade, pois não podemos escapar à nossa dimensão humana e quando olhamos já filtramos ao nosso modo a realidade. Todas as instituições resistem à inovação, a científica também.

Indagar sem preconceitos a árdua senda do conhecimento, não dispensando a devida formação científica, mas assumindo as nossas limitações e trabalhando em equipas transdisciplinares. Talvez o trabalho produzido se efective como útil ao desenvolvimento humano sustentável. Se difundam e partilhem, de modo acessível, os conhecimentos alcançados para que de facto possam ser uteis.

Seres humanos são todos os seres que emanam luminosidade, que partilham connosco as mesmas necessidades de sobrevivência (pirâmide de Maslow), a capacidade de aprender e adaptar-se à realidade que os circunda, com quem compartilhamos o presente e que acima de tudo, sentem, tal como nós, mas exprimem-se de modo que a nossa ignorância e prepotência não conseguem entender.

Até o conhecimento acerca da nossa própria espécie é limitado, como já referimos, é limitado aos factos, ao explicável cientificamente. Há muito que se intui outras dimensões, mas a sua existência é posta em causa. É certo que os homens só interpretam a realidade à luz dos conhecimentos que têm, aqueles da sua época. À medida que a nossa evolução tecnológica avança, vamos vislumbrando outras possibilidades e fazemos outras leituras da realidade, ou da história, que não eramos capazes até então. Tanto que há ainda por conhecer, tanto que foi esquecido - A gnose.

Se não tivessem permanecido os grandiosos monumentos deixados pelos antigos, aqueles que sobreviveram, pela sua imponente às devastações e às cinzas do tempo, o que saberíamos nós do passado da espécie humana, senão fossem os testemunhos. Tróia, tão recente no tempo, foi até há bem pouco julgada uma lenda. Ou colocado de outra forma, o que é que nós não sabemos acerca dos gloriosos e inexplicáveis conhecimentos daqueles que nos precederam e que nós não temos ainda capacidade para compreender. Esquecemos,

⁵ Leonardo Coimbra

esquecemos tudo! Dez mil anos, até aí conseguimos recuperar alguma memória, mas há 200 mil anos nas falésias do sul de África já se produziam pigmentos... há 35 mil existiam megalitos, cujo mistério de construção permanece por compreender... Há quantos milhões de tempo existe afinal a espécie humana enquanto seres conscientes? A era Lemuriana?! Ou Atlante?! Serão estas construções alinhadas com os astros, relógios astronómicos para abrir portais de comunicação? Quando teve início a vida? De quando recordamos o primeiro vislumbre da luz? O que somos afinal? Meros veículos de um outro ser, de uma outra essência eterna? Experiências de laboratório de extraterrestres?!

É o que é, tão simples quanto isto – TODOS SOMOS DEUS – todos os seres que transportam em si uma centelha de luz, um corpúsculo, um fragmento de energia vital...o sopro divino. Somos todos iguais perante a essência, sejam animais, plantas, todos os humanos e também os extraterrestres (se os houver). Todas as vidas no universo contêm em si uma ínfima parte da luz do princípio dos princípios do tempo e do espaço, quando mais nada havia a não ser a luz.

Iluminam-se os nossos corações, quando ao lermos os livros das religiões encontramos persistente e recorrentemente os mesmos factos, as mesmas ideias. Como em tudo o resto o problema está nas traduções e interpretação dos textos sagrados, circunscrito à compreensão limitada do tempo em que vivem os homens que as fazem. Como já nos foi dito uma vez, *escrever é um erro* e até um pecado de vaidade, pois corre-se o risco daquilo que se escreve poder ser sujeito à interpretação contrária daquilo que se tencionava transmitir; a mensagem pode ser distorcida ou até ser tomada por verdade absoluta e única como nas religiões dos livros. Vejam: Cristo não escreveu e ainda assim foi tão mal interpretado no que escreveram sobre ele, Cristo só nos queria ensinar a amar, o amor uns pelos outros. O Tao Te Ching apesar de ter sido escrito, ensina-nos à não interferência, a refrear o ego.

Iluminam-se os corações ao reconhecermo-nos nos outros ou à riqueza que ganhamos ao darmos um sorriso ainda que não seja correspondido. Ao sabermos-nos iguais em condição da natureza e da sociedade, simplesmente porque transportamos em todos e cada um uma centelha de luz, que é eterna, que passará por muitos corpos e muitas existências, e cujo lar é a amálgama do todo. Ao sabermos-nos iguais e eternos, tudo o resto se torna irrelevante. Perdemos-nos nos detalhes (onde mora o diabo) e perdemos o *pensamento* do todo, do qual somos uma infinitesimal parte.

Iluminam-se os corações ao sentirmos amor pelo nosso próximo, independentemente da espécie a que se pertença, ao sentirmos a intensidade da sua luz! Ao cabo de tantos anos a estudar a forma como agimos e nos relacionamos, chegou-se hoje à conclusão que, o que nos faz feliz é o convívio, é uns aos outros, conhecemo-nos a partir do reflexo dos outros, que são o nosso espelho; não nos fazem felizes os bens materiais, estes só trazem prazer, mas não a plenitude que sentimos na felicidade. Tudo o que temos, o que sabemos, conseguimos-lo uns com outros. Foi em conjunto que o conseguimos, bom ou mau, é indiferente.

Iluminam-se os corações ao sentirmo-nos livres, ao libertarmo-nos de dogmas e de verdades absolutas, nenhum homem é mais do que outro para que o possa doutrinar. Não necessitamos de intermediários para Deus, carregamos connosco a possibilidade de *religação* com o divino, a religião não necessita de ser algo instituído, é particular e privado, mas idêntica e comum porque tende ao Amor. Não precisamos de recear um Deus castigador ou indulgente, podemos abster das regras absurdas e fundamentalistas das religiões monoteístas, que contrariamente ao Amor apregoado, tanto sofrimento ainda trazem ao mundo. Simplesmente não fazem sentido, são anacrónicas face à evolução de consciência colectiva que já alcançamos.

A veneração do sagrado é-nos importante, a fé é fundamental e em nada desprezível, a crença na eternidade confere-nos uma moral, uma moral fundamental que regula o convívio dos seres e o alcance das nossas acções. Esta moral, actualmente por tanta descrença grassar e por tanto obscurantismo cegar, encontra-se em crise profunda. Estamos desorientados e alienados de nós próprios, tornou-se vulgar a hediondez dos crimes que cometemos contra os mais inocentes e vulneráveis e, que são o que veiculamos nos media em vez do conhecimento que nos pode desenvolver. Correm tempos de trevas, a esperança existe mas a fé não encontra um Deus sobre o qual todos estejamos de acordo.

Fora do tempo e fora do espaço não há lugar a julgamentos ou a valores, estes só existem na nossa dimensão física, neste mundo dualista em que tudo coexiste entre dois polos antagónicos. Uma vez libertos dos grilhões, dos pesos que nos prendem ao mundo dialético, uma vez livres do corpo material, a centelha liberta-se e vê claramente todas as suas acções e vivências, daí surgem as aprendizagens e este é o fim último da centelha de luz, aprender, compreender e crescer!

No momento dessa libertação, no preciso momento em que *a alma* paira por cima do corpo, observando-o; nesse preciso momento em que *a vida nos passa à frente dos olhos*, aí sim vem o céu, ou o inferno que criámos para nós próprios enquanto vivos, revistos nos 7 pecados mortais. Não é um lugar e é indiscreto a dimensão daquilo que cada um sentirá. Mas a nossa natureza é a luz, a luz mais ou menos intensa consoante a vida que levámos em cada encarnação, assim também consoante o nosso brilho, nos acercamos mais ou menos da Grande Central de Centelhas, até nos fundirmos, finalmente, com ela e não mais reincarnar. Tanto quanto mais próximos estivermos da luz, assim teremos uma próxima oportunidade mais luminosa; tanto quanto mais longe dela, assim nos aproximamos do obscuro. Nada aqui há de novo, pois a similaridade com o que já tem sido dito, é idêntica.

O inferno também ele não é uma realidade externa, não é um sitio, o inferno é o que passamos quando morremos, quando nos libertamos do peso do corpo, vemos tudo com clareza e retornamos á pura consciência e reconhecemos o mal que realizámos e esse é o inferno que infligimos a nós próprios, ninguém nos castiga a não ser nós mesmos. E esse é bem pior que o inferno que nos têm pintado. O pior castigo é o que infligimos a nós próprios.

A centelha tem em si a capacidade de luz, quando se reúne com outras brilha e, brilham tanto mais, quanto mais reunidas estiverem. Quer encorpadas ou libertas da matéria, todas juntas são Deus, um Deus onisciente e onipresente, sem dúvida, mas nunca um individuo isolado. Tal figura antropomórfica não existe. Deuses, seres de outras dimensões ou lugares, talvez! Iguais a nós, sim! Na essência da vida, na centelha que transportam.

O segredo da Rosa indica que a centelha nos animais aloja-se no coração, qual Graal que a transporta. É a partir daí que floresce e se vai abrindo ao amor tal como uma rosa abre as suas pétalas para o receber. O mistério do graal que os templários trouxeram para a Europa e cuja semente guardaram em segredo, por não ser ainda o momento para a sua revelação. A rosa presente nos templos antigos, este segredo que fez a Europa sair da bestialidade em que se encontrava, quando os sábios eram ainda os descendentes de Salomão. Os homens partiram em busca da luz: aprender, compreender, crescer.

Mas neste mundo dual o ying e o yang evoluem em conjunto, lutam entre si para avançar, a luz e a escuridão. A estupidez que nos caracteriza legitimou em nome de Deus e falsamente em nome de Cristo a verdade de outros homens, que para grande erro a escreveram e sujeitaram à interpretação limitada da ignorância de outros. Apesar de todas as atrocidades cometidas em nome de Deus, o segredo da rosa persistiu através dos tempos tenebrosos e hermética ainda, a sua força alastra-se a todos os corações. Latente a sua revelação, o seu poder faz-se sentir nas dores de crescimento que hoje atravessamos e pressentimos a eminência da grande mudança, de uma nova era, a Era da rosa chegou, a era do Graal e do país a que *aportou*.

Quando tivermos finalmente alcançado a consciência colectiva iluminada, esperemos que ainda neste planeta, seremos verdadeiramente livres! Só nos resta a fé, este mundo tal como o conhecemos está à beira do abismo. Já nada há que possamos fazer para o salvar, o futuro é incerto, como nunca o foi até aqui (de que tenhamos memória). O caminho a seguir é o lampejo de amor que ainda nos ilumina. Uma nova consciência, uma moral natural, a do amor e da fraternidade.

O respeito profundo pela humanidade implica um conceito renovado, muito mais abrangente, a todos os seres. Para além da espécie humana dominadora, partilhamos esta condição igual a todas as formas de vida, somos animais, sujeitos às mesmas necessidades de todos os outros. Humanidade inclui todos os seres e não somente aqueles que reflectem racionalmente e que produzem formas sofisticadas de cultura, como meios para atingir fins. Nós, todos os seres vivos deste mundo e certamente de outros mundos e de outras dimensões, transportamos em si a mesma faúlha que os faz viver. Todos somos igualmente dignos de respeito e consideração.

Da Religião

Da *efervescência colectiva* nasce a religião, do frémito emerge a energia que brota da colectividade, da união de humanos, da reunião de massas, onde é libertada uma grande quantidade com um desenlace inesperado. A religião foi criada de forma a canalizar esta

poderosa quantidade de energia libertada pelas multidões em delírio. Ainda hoje em dia podemos observar este tipo de manifestações, sempre com um propósito ou futebol, musica, politica, juntos alcançamos o altíssimo.

“dissemos por vezes, que no conhecimento scientifico a verdade se oferece á intelligencia por si mesma, emquanto que no conhecimento obtido pela fé se nos apresenta apoiada em o testemunho alheio; na sciencia descobrimos nós próprios a verdade que conhecemos; na fé não a descobrimos de modo algum, mas a recebemos d’outrem, fundamentados na sua autoridade; além a mente é vencida e subjugada pela realidade dos objectos, aqui é conduzida e guiada pela autoridade alheia; num caso tudo é expontaneidade e evidencia, no outro tudo obscuridade e mistério. Pois bem: entre estes dous modos de conhecer não haverá, por ventura um antagonismo invencivel, a ponto de o progresso de um embaraçar o desenvolvimento do outro, e a liberdade da fé afogar a indispensável liberdade da sciencia” (padre jesuíta Pedro Miguel Mir: 1892,p12 –harmonia entre a ciência e a fé “tudo em Cristo se une, enlaça e subsiste” ep. São Paulo)

A ciência e a fé não devem ser limitadas, devem sim ser conquistadas em liberdade. A ciência é uma viagem infinita de descobertas, vamos sempre aprendendo, o conhecimento parece inesgotável. Mas a sabedoria liberta do conhecimento e do ego, a razão criada e finita deve submeter-se à outra forma de conhecimento por revelação, a fé. Deus vem do coração e não da razão, ele – ou a grande central de centelhas são a razão incriada, infinita e soberanamente eterna.

Uma centelha sozinha tem pouca força, mas contem em si a luz e toda a capacidade de brilhar, quando morremos, a centelha é libertada e regressa a casa donde primeiro partiu, a grande central de centelhas, onde a luminosidade é inexprimível, esta é a razão pela qual as pessoas que passaram por experiências de quase morte referem essa imensa luz. Quando renascemos, seja sob que forma for, a centelha que carrega em si todo o essencial daquele ser, aloja-se noutro coração onde permanecerá durante o tempo de vida do ser em que encorpou.

O corpo que a envolve é somente um meio de transporte para a centelha experimentar o magnifico presente que é a vida. O corpo é importante e há que cuidar dele e mante-lo saudável, mas não é mais que um invólucro, daí que o investimento pessoal tenha de ser feito na evolução e desenvolvimento da centelha e não no corpo e nas suas questões superficiais e perecíveis. Tal como num carro, do qual necessitamos para nos deslocar, o que é mais importante: o motor ou o aspecto do carro? De qualquer forma temos de tomar conta dele senão avaria-se e, de vez em quando temos de o levar ao mecânico. Mas não passa disso, um veículo, por mais que interagamos com ele. O mesmo se passa com os nossos corpos, tomamos conta dele, mas a vida é uma busca de felicidade, que se vive com a alma e o espirito e não com o corpo, este é só o intermediário. Um elo a este planeta.

Ainda com o exemplo do carro, quando conduzimos evitamos bater nos outros carros, porque duas coisas más podem acontecer, o carro fica danificado e o seguro aumenta. É o mesmo com

o karma, o mal que fazes aos outros volta-se contra ti e com juro, não importa quando os pagues, mas é certo que os pagarás. Para a centelha o período de uma vida é só uma passagem, insignificante na sua eternidade, mas determinante para o seu futuro.

Quando assumimos uma forma material, ficamos presos com as coisas do mundo, como um peso, carregamo-las como correntes que nos aprisionam no mundo dos sentidos; iludindo-nos acerca da verdadeira realidade, enganando-nos nos nossos julgamentos, pois fazemo-los baseados no que eles nos transmitem, no que é filtrado por eles. É como se fossemos cegos, não víssemos todas as facetas da realidade, elas estão lá mas para a compreendermos fraccionamos e isolamo-las em objectos de estudo, mas depois esquecemo-nos de fazer a sua contextualização na realidade total que o envolve. Os pré-conceitos e as perguntas que colocamos já estão condicionadas à partida e não abarcam toda a riqueza e complexidade, ou simplicidade da realidade. O amor ficou de fora da equação da ciência!

Platão na sua alegoria da caverna transmite esta deficiência que os humanos têm, tudo o que vemos são sombras da realidade, ignorando que são meras projecções do mundo real, tomamos estas sombras pela verdadeira realidade e de acordo com elas organizamos as nossas vidas. Mas se fossemos corajosos o suficiente para quebrar as correntes que nos prendem a cabeça, evitando que a viremos de costas, se conseguíssemos olhar para trás veríamos as personagens reais, que nem conseguimos conceber que lá estejam. Simplesmente porque não temos dúvidas.

Presos à nossa carne e apanhados no mundo material, a centelha dorme, anseia por religar-se às outras centelhas e tem um vivido sentimento de casa. Mas a carne aprisiona-a e de modo descuidado é guiada pelo ego e assim adiciona ou liberta Karma para ela própria. O ego não é o inimigo, enquanto vivemos deveremos ser mais tolerantes connosco e com o nosso corpo, não se pretende levar uma vida austera ou de hedonismo, o importante é a consciência mais elevada que temos. Não há lugar para fundamentalismos, devemos ser felizes. O prazer é uma alegria, só o excesso recai em pecado, em algo que não é normal.

O karma é o que fazemos às outras centelhas, mas também a nós próprios. Tudo o que vive, tudo o que tem um brilho, tudo o que nos rodeia é vida composta por luzes, tal como a nossa. Tao Te King diz-nos que não deveremos agir sobre o outro, não interferir, *faz a tua vida como se não estivesses aqui, não deixes um impacto no mundo*. A mensagem não é simplesmente ter uma postura contemplativa, é simplesmente respeitar tudo o que nos rodeia, pois não sabemos melhor que os outros, julgarmos o que para si é melhor, nem mesmo para nós próprios e estamos nos nossos “sapatos”.

Quando perde o seu peso da matéria, a alma vê claramente a vida passada. É nesse momento da morte que determinará para si própria o céu ou o inferno, quando consegue ver profundamente as ações que tomou enquanto viva, quando estava presa a um corpo. Recupera a consciência total e determina o sofrimento que a conduzirá para a reparação de

danos causados, a oportunidade futura que a centelha terá de reparar pelo que fez enquanto foi viva.

Embora a centelha não tenha memória dos factos, uma vez que estes se referem a um tempo e a um espaço que estão desligados, pois são relativos. Quando ela retorna à vida, vem com um propósito, uma missão de reparar os danos que causou anteriormente.

Tudo está connosco, o céu ou o inferno. É uma questão pessoal, individual, são sítios que partem da nossa consciência liberta e não são lugares muito povoados.

No processo racionalista desenvolvido pela ciência tudo o que era subjetivo era eliminado do conhecimento, também outros níveis eram postos de lado. Atualmente a ciência procura recuperar a perspectivas holística da realidade, entretanto alienada.

A moral tele-teológica e o karma

Sob esta luz de procurarmos Deus em nós bem como nos outros, a moral não tem muita discussão, uma vez que nesta perspectiva da centelha somos todos iguais e o mal que fazemos recai sobre nós mesmos. A única fronteira é o amor, um amor incondicional por tudo o que nos rodeia, amor no sentido de Ágape, aquele que Cristo nos ensinou.

Nesta religação, não são necessários intermediários, ninguém sabe mais do que ninguém, para nos ensinar, controlar ou evangelizar. A nossa conexão é direta à grande central de centelhas, tomando atenção à nossa alma, ao seu brilho, abrindo os corações para a libertar e fazer brilhar. Tudo isto é feito pela prática do amor, sendo bons uns para os outros, fazendo o bem que desejamos que nos fizessem, quer sejam da espécie humana ou não.

A carne não é fonte de pecado, ela é o veículo que nos permite viver e experienciar, deve ser respeitada e cuidada. Não lhe dê tudo o que ela deseja, pois facilmente nos transforma em escravos, dá-lhe o valor que merece e procura o equilíbrio, não a deixes passar fome e estima-a, é o teu corpo, não o castigues.

Que sentido tem o nosso mundo atualmente, como é que nos envolvemos tanto no mundo materialista, como nos transformamos em escravos do consumo, porque trabalhamos tanto, por vezes em ocupações terríveis e insignificantes, para que queremos ganhar mais. Não somos donos das coisas, elas é que são nossas donas. Somos tanto mais livres consoante menos temos. De que necessita um peregrino? Só o que pode carregar consigo.

Podemos exemplificar com a relação que temos com a comida. Nunca na história conhecida da humanidade, houve tanta comida no mundo, enquanto ainda tantas pessoas passam fome há outras que adoecem por comer demais. Olhando mais de perto, nós os que temos comida extra, extra carros, casas extras, roupas a mais, etc. tudo vorazmente devorado para um buraco sem fundo e insaciável. Não tem sentido pois continuamos infelizes.

Que sentido faz, trabalho por dinheiro, para gastá-lo no que não preciso, o que me fará gastar ainda mais dinheiro, para me livrar do desnecessário. Ao que chegámos. Destruímos o planeta, perdemos os nossos valores como o respeito, perdemos-nos a nós próprios, para quê? Será que somos mais felizes que os nossos antepassados? Era suposto sermos, porque temos mais coisas e melhores condições. Seria melhor repensarmos o mundo e o que alcançámos, será que precisamos de trabalhar assim tanto? De que precisamos realmente para sermos felizes? Economia de mercado, consumo, desenvolvimento cego. Pensa de novo.

Esquecemo-nos de como os antigos indígenas viviam. Instintivamente respeitavam o que os rodeava e sacralizavam a natureza. Dela retiravam somente aquilo que precisavam e não tudo aquilo que o ego esfomeado quer. Só se matava o suficiente para comer, nada era desperdiçado e à alma do animal era pedido perdão.

Todas as coisas estão ligadas, se tiras algo, terás de devolver algo. Se cortares uma árvore, outra deverá ser plantada, se viveres numa quinta tudo é reutilizável, como na permacultura que se define pela ação com menos impacto.

O ego – definição simples, o ego é a apologia do indivíduo. Me, myself and I...Ego é o que na nossa cultura individualista é mais enfatizado, o que nos coloca numa postura defensiva para com os outros, as nossas fraquezas e as nossas forças. O Ego é a fonte dos pecados, que não são somente referidos nas religiões monoteístas, mas em todas as conhecidas, indicam as acções que podem danificar o próprio ser e para tal tem de controlar o Ego. Atenção, não se deve confundir o ego com o amor-próprio, o qual também devemos preservar e estimular.

Temos sempre algo a provar, especialmente que somos melhores que os outros, tudo se reduz a esta simples ideia – a competição. Tal como já referimos a economia de mercado baseia-se na bulimia consumista, o marketing é o seu motor de crescimento, qual é a sua raiz? Ter melhores condições de vida? O que nos move para comprarmos coisas de que nem precisamos, não será a inveja? A inveja é um meio de sobrevivência do Ego, de ser melhor que os outros, ter melhores coisas do que eles, ter melhores roupas, o melhor carro possível, as viagens mais memoráveis para nos gabarmos. O objetivo a perseguir é aquilo que os outros têm e nós não, incutir inveja nos outros seres humanos. É uma parada de vaidades quando damos rédeas soltas ao ego.

Tal como o alquimista Hermes Trimegisto disse “ o que está em baixo é igual ao que está em cima”, é uma frase simples, mas cheia de significado, quando pensamos sobre a sociedade, o desenvolvimento da espécie humana, a lucidez crescente do nosso contexto multidimensional e as preocupações com as questões humanistas, quer relativamente a nós, mas também em relação ao ambiente.

Os processos dos organismos são nos seus aspetos fundamentais iguais, sejam biológicos, sociais ou espirituais. Uma boa ilustração do que se tem vindo a afirmar acerca do

entrelaçamento é o processo de funcionamento do cérebro, não importa a quantidade de neurónios existentes no cérebro, são as ligações entre eles, as sinapses, que o tornam num poderoso órgão, quantas mais interconexões, mais potencial é desenvolvido.

Veja-se, é o mesmo com as pessoas, um homem não faz nada sozinho, o crescimento da civilização foi impulsionado pelas sociedades organizadas, ainda mesmo nas nossas etapas mais ancestrais em que nos organizávamos em clãs, as pessoas dependiam uns dos outros para sobreviverem às difíceis condições.

O mesmo acontece ao nível do espírito, a energia aumenta pela interação e a religião cresceu a partir deste facto, o sentimento de sobrenatural surgiu da experiência de comunhão, de pertencer a algo, partilhando com os outros a mesma experiência, o mesmo objetivo. Isto é amor, acontece quando abrimos o nosso coração, esquecidos do ego, aí sentimo-lo.

Assim, não fazem sentido as coisas que nos separam uns dos outros, só interessa o que nos une, indo mais longe no nosso amor para além da espécie a que pertencemos, em direção a toas as centelhas em nosso redor, que existem nos outros animais, nos vegetais, os minerais, etc. não importa, em direção a tudo! Porque tudo tem energia, o chi das religiões orientais, ou a essência imanente do espírito, o quinto elemento que liga os elementos básicos da água, o fogo, a terra e o ar.

Quando estabelecermos esta nova religião ao sagrado, uma nova ordem material será estabelecida no mundo. Um mundo sem guerra, sem desigualdades, o mundo sonhado por tantas gerações. Tudo o que vivemos hoje deixará de fazer sentido, simplesmente porque somos todos irmãos, todos iguais, cada um carregando o sagrado em si.

...

Ao longo da História Humana existiram muitas seitas, em Portugal a mais famosa e mais amorosa foi a de Prisciliano (345-385), perseguida e extinta pela igreja católica cujos padres não toleravam o desvio doutrinal que pregava, a aceitação da magia e astrologia, a defesa de igualdade das mulheres na participação e gestão do culto, a não submissão hierárquica e as práticas culturais (como rezar e cantar descalços no cimo do monte), o anti-esclavagismo, a vida comunitária e partilha de bens, o livre exame de consciência e a ligação do eu pessoal a Deus, sem ser por intermédio dos sacerdotes impostos por Roma. Procurava-se através de uma vida de partilha e pobreza voluntária, organizar um quotidiano em que o contacto com a natureza e a arte possibilitasse a intuição do futuro ou a iluminação do Espírito Santo – o “paráclito”.

Falta frase conclusão

ⁱ Durkheim, 1912, As formas elementares da vida religiosa

ⁱⁱ Espinosa

ⁱⁱⁱ Hanna Arendt

^{iv} Jacques Attali

^v Heinlein

^{vi} De O evangelho dos doze Santos, em Paracelso de Klaus Bielau

Prefácio:

O meu nome é Sehalia, sou um dos 72 anjos que compõem a árvore da vida, pertencço ao coro das 8 Virtudes. O meu chefe é o arcanjo Rafael que cosmicamente canaliza as forças do sol, que zela pelo equilíbrio e pela consciência. Cada um de nós pode desdobrar-se até ao infinito, nós somos múltiplos, mas com uma vontade única. Quando uma aparência cumpriu a missão para que foi criada, regressa de novo às origens.

Agora estou viva materialmente, são 3 as pessoas que me compõem. E que me ajudaram, desta forma, a poder comunicar acerca da Luz e de Deus convosco. Todos nós andamos alienados, muito confusos acerca de tudo, mas sobretudo acerca do futuro e acerca de Deus. Já chegaram à maturidade para compreender a existência de outras realidades, caminham para as trevas, tantas luzes a resvalar e que vão enfraquecer a grande Central de luzinhas. Esta é uma carta de um anjo da guarda que está muito cansado, tal como todas as outras potestades. Estamos exaustos com tanto trabalho que tem dado a humanidade nos últimos 300 anos. Por favor misericórdia! Rezem por Todos nós.

O anjo da guarda é o guia, o tutor, o protector da vida de todos os seres, mas sobretudo dos humanos, pois para os animais e as plantas existem outras entidades de natureza seráfica. Com a concentração de luz que emana destes seres, iluminam o nosso poder, dão força à própria luz de que todos somos portadores.

Um anjo da guarda ajuda com *as tensões emocionais (isolamento, insegurança, medos) e, sobretudo, as preocupações materiais enfraquecem, minam progressivamente a vida moral e a saúde material. E, assim, a nossa capacidade pessoal torna-se incapaz de ultrapassar, com sucesso as dificuldades quotidianas.*